



MEC/IBC/DTE/DDI
ANO IV
NÚMERO 20
JANEIRO/
FEVEREIRO 2017

BOLETIM

Centro de Estudos e Pesquisas do Instituto Benjamin Constant

Divisão de Pesquisa, Documentação e Informação

Nesta edição do “Trocando ideias”, temos o depoimento da professora de matemática Regina Célia Caropreso, que fala de sua longa atuação no IBC, desafios, sucessos, comprometimento e percepção sobre como se deve dar a inclusão de pessoas com deficiência na escola atualmente.

A coluna “Saiba mais” traz alguns estudos sobre o ensino da matemática para cegos e desafios encontrados.

O resumo das pesquisas em andamento na seção “E no IBC” serve para deixá-lo informado sobre o que acontece no instituto.

“O que há de novo” chama sua atenção para as novidades no mundo na área da deficiência visual. É sempre bom saber o que há de novo por aí para facilitar a vida da pessoa com deficiência visual.

Se você quer conhecer um pouco mais o Instituto, a sessão “Conhecendo o IBC” destaca como funcionam as várias divisões dentro de cada departamento. Nesta edição, conheça melhor o Departamento de Estudo e Pesquisas Médicas e de Reabilitação (DMR) que promove o atendimento médico (clínica geral e oftalmologia), odontológico e nutricional aos alunos e reabilitandos, dirigido por Rosane de Menezes Pereira.

Para saber sobre eventos, encontros e novidades no que diz respeito à inclusão, principalmente na área de Deficiência Visual, leia a seção “Divulgando”.

Suas sugestões, críticas, apreciação e contribuições são essenciais para que possamos atendê-lo. Entre em contato conosco através do “Espaço do leitor”.

TROCANDO IDEIAS

A matemática nos olhos do deficiente visual

A professora Regina Célia Caropreso possui pós-graduação em Docência Superior em nível de especialização pela Faculdade Béthencourt da Silva. Docente no Curso de Qualificação de Professores na Área da Deficiência Visual, Técnica de Cálculo e Metodologia do Ensino do Soroban. Atuou como Coordenadora de Segmento, da área de Matemática e como professora de Ensino Básico Técnico e Tecnológico do Instituto Benjamin Constant. Além disso, domina o Código Unificado de Matemática e do Sistema Braille.

1. Conte-nos um pouco sobre sua formação e trajetória como professora de matemática no IBC.

Terminei minha faculdade de Matemática em 1976, em São Paulo. Naquela época, não se ouvia falar em Educação Especial. Tive pouca prática na escola regular porque terminei a faculdade dia 18-12-76 e meu primeiro filho nasceu no dia 20-12.

2. O que a motivou para sua escolha profissional pela Matemática e pela área da Deficiência Visual?

O que me levou a gostar de Matemática foi um excelente professor, Alberto de Melo, que tive na antiga 7ª série (atual 8º ano) no Colégio Estadual de São Paulo. Graças a ele, a Matemática se tornou uma matéria prazerosa.

Em 1986, já morando no Rio de Janeiro e não trabalhando, resolvi ser ledora no Instituto Benjamin Constant. Achei o braille interessante e me inscrevi no Curso de Escrita e Leitura do Sistema Braille. Em 1988, fiz o Curso de Especialização de Professores na Área da Deficiência da Visão e um novo caminho se abriu. No ano seguinte, fui trabalhar numa clínica de múltipla deficiência, na Urca, onde fiquei por 4 anos. Atendia alunos cegos, autistas cegos, com dificuldades cognitivas acentuadas e outros. Paralelamente, prestava serviço voluntário no IBC, transcrevendo textos em braille na Imprensa.

Em 1993, prestei concurso para o IBC e assumi em dezembro do mesmo ano. Lecionei no primeiro e no segundo segmentos do ensino fundamental. Fui coordenadora do segundo segmento (2004 a 2010) e coordenadora da área de Matemática (2010 a 2016).

3. O que você destacaria como importante relacionado ao trabalho com deficiente visual? Você poderia apontar algumas facilidades e/ou dificuldades na sua prática docente diária?

Como em qualquer trabalho, o importante é a dedicação e a seriedade. O deficiente visual, sem demais comprometimentos, é um aluno como qualquer outro (levando-se em conta sua limitação), com dificuldades e facilidades próprias. Muitos “odeiam” Matemática até perceberem como é gratificante desenvolver um raciocínio lógico. Claro que nem todos passam a “gostar” da Matemática, mas pelo menos não mais a rejeitam.

Por outro lado, está chegando ao IBC uma clientela cada vez mais comprometida, com outras deficiências e síndromes para a qual, na verdade, não estamos preparados. É importante o aperfeiçoamento através de estudos, pesquisas, participações em eventos, para nos capacitarmos e podermos dar melhor atendimento. Tem que ser um estudo contínuo e dedicado.

4. Quais são as especificidades do ensino da matemática para alunos cegos e baixa visão e os aspectos que devem ser considerados?

A Matemática no IBC, como em outras escolas, é dividida em Álgebra e Geometria onde os conteúdos devem ser trabalhados de forma concreta e depois passar para o abstrato. Já com a clientela que apresenta dificuldades cognitivas é interessante trabalhar conteúdos que tenham relação com a vida diária do aluno.

Para os alunos cegos é fundamental o conhecimento do Código Matemático em Braille e saber como é o símbolo correspondente em tinta.

5. Quais são os recursos didáticos mais interessantes para ensinar matemática a alunos deficientes visuais? Existe alguma resistência por parte dos docentes ou pelos alunos em relação ao uso desses recursos?

Orientação e mobilidade é essencial para o entendimento da Geometria; tecnologia assistiva usando jogos educacionais; uso de músicas com letras que tenham relação com algum conteúdo matemático (ex: Aquarela) para tornar a aula mais lúdica. Procurar sempre recursos que motivem os alunos, evitando aulas meramente expositivas.

Não sinto resistência dos alunos e, creio, nem dos docentes. Alunos aceitam bem tais recursos por facilitarem a aprendizagem. Levando-se em conta a especificidade, lecionar para deficiente visual se assemelha a lecionar para aluno vidente.

6. Quais os maiores desafios na área de ensino de matemática para deficientes visuais, diante das dificuldades pelas quais as políticas públicas federais vêm sofrendo na área da educação especializada? Como você avalia as adaptações das avaliações externas para a Matemática?

Falta de material adaptado, computador com leitor de tela, calculadora com sintetizador de voz, dentre outros. Para sanar o problema alguns docentes, usando recursos próprios, adquirem materiais necessários. Isso ocorre por todo o Brasil, principalmente nos estados mais pobres.

Quanto às avaliações externas, o principal problema são as péssimas adaptações, como no caso da Olimpíada de Matemática, que sempre contém questões totalmente ininteligíveis para o aluno cego.

7. Qual sua avaliação sobre o ensino da matemática para deficientes visuais no IBC e no Brasil?

No IBC, como os alunos estão chegando com múltiplas deficiências, alguns objetivos curriculares não têm sido alcançados. Com alunos portadores apenas da deficiência visual, o currículo é cumprido na íntegra.

No Brasil, a pseudoinclusão tem levado os alunos deficientes a terminarem o ensino fundamental sem os conteúdos básicos necessários. O maior objetivo da inclusão deve ser fazer com que o deficiente visual seja reconhecido como uma pessoa normal, um cidadão, respeitando as devidas limitações impostas pela deficiência. Incluir não é somente matricular na escola regular.

8. Você, como professora de cursos de formação continuada para professores, como percebe a demanda por essa formação?

Tem sido bem intensa a procura pela capacitação, mas não sei como está se dando a multiplicação dos conhecimentos adquiridos no IBC. Muitos professores procuram nossos cursos, por interesse próprio e não estimulados pela sua escola de origem.

9. Que orientações você daria aos professores que estão iniciando a carreira e lecionam para pessoas com deficiência visual nas escolas regulares? Como proceder, de fato, a inclusão?

Infelizmente, a inclusão na escola regular ainda amedronta. Os professores são levados a assumir papéis indesejados e para os quais não estão capacitados. Enquanto os cursos e as universidades que formam professores não tiverem como ponto de honra conscientizá-los de que alunos com deficiência são responsabilidade de todos os educadores, e não apenas do profissional de educação especial, o processo de inclusão não se concretizará. Como proceder? Buscando se aperfeiçoar, se atualizar, ter boa vontade e desejo de fazer um trabalho produtivo, adaptar materiais, respeitar os limites do aluno e fazer com que ele realmente participe das aulas.

10. O que você leva/guarda de sua experiência no ensino para alunos deficientes visuais e qual mensagem você deixa para os leitores e professores?

O que levo da minha experiência é meu crescimento pessoal e profissional. Aprendi muito com meus alunos nesses vinte e três anos de IBC. Tenho a sensação de dever cumprido, sem máscaras. O mais importante é dar o melhor de si, vibrar com cada aprendizagem, por menor que seja. E saber que, todos os dias, temos que superar obstáculos com inteligência e determinação.

SAIBA MAIS

1) Pesquisador: Daiana de Oliveira

Título: Modelagem no Ensino de Matemática: Um Estudo de caso com estudantes cegos - 29/02/2016

Tipo de pesquisa: Dissertação

Instituição de Ensino: Universidade Estadual do Centro-Oeste

Resumo: A Educação Básica acolhe estudantes com necessidades educacionais especiais sem, muitas vezes, estar preparada para isso. Neste trabalho optamos por trabalhar matemática com estudantes cegos. Dentre as diversas metodologias de ensino de matemática, optamos pela Modelagem Matemática, na perspectiva de Burak (1987, 1992, 1998). Essa escolha se deu pelo entendimento de que a Modelagem

se mostra mais atrativa e significativa, pois, o processo de ensino e aprendizagem para estudantes deficientes visuais necessita ser dinâmico. A questão dessa investigação indaga: O que se mostra da Modelagem na Educação Matemática como uma metodologia de ensino, a partir do desenvolvimento de atividades propostas por estudantes da Educação Básica com deficiência visual? O objetivo geral dessa pesquisa foi o de conhecer e investigar o potencial metodológico da Modelagem Matemática para o ensino de Matemática para estudantes do ensino fundamental com deficiência visual. Especificamente, nos propomos a desenvolver e discutir atividades adaptadas, mediadas pela Modelagem Matemática, para os estudantes cegos. Também, nos propomos a avaliar o potencial do material didático utilizado para dar suporte concreto no processo de ensino e aprendizagem com alunos



com deficiência visual. Participaram desta pesquisa, de natureza qualitativa, dois estudantes, ambos com 13 anos de idade, frequentando o 9º ano do Ensino Fundamental em escolas regulares, configurando um estudo de caso. As atividades aconteceram na APA-DEVI em contraturno com a duração aproximada de um bimestre. As atividades desenvolvidas foram realizadas a partir de temas escolhidos pelos estudantes. O resultado das atividades desenvolvidas indica que: a Modelagem Matemática apresenta potencial para se constituir em uma metodologia para o ensino de Matemática para os estudantes com deficiência visual, pois favorece uma dinâmica distinta das aulas mais usuais, bem como, permite a participação e interlocução entre pesquisadora e participantes e, ainda, possibilita o valor educativo das discussões das atividades desenvolvidas. Outro resultado constatado é a ruptura com a visão linear e disciplinar do currículo. O objeto educacional se constitui de um vídeo e um manual oferecendo subsídio aos professores de Matemática da Educação Básica, como contribuição para o ensino de matemática com estudantes cegos.

2) Pesquisador: Mauricio Alfredo Ayala de Carvalho

Título: Um Estudo do Processo de Argumentação por Alunos Cegos - 20/07/2016

Tipo de pesquisa: Dissertação

Instituição de Ensino: Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo: Estudos acerca de argumentação e prova ao redor do mundo mostram que a grande maioria dos estudantes, em variados graus de escolaridade, utiliza-se muito de argumentos concretos e visuais na justificativa de suas afirmações em problemas de matemática. Este trabalho tem como objetivo analisar respostas dadas por alunos cegos em problemas matemáticos que normalmente evocam referências visuais, visto que o fator visual é de grande peso na argumentação dos videntes. Todos os alunos cegos tomados como sujeitos da pesquisa perderam a visão nos primeiros anos da infância e não possuem um referencial visual que influencie na fala, como no caso dos alunos videntes ou de baixa visão. Um estudo piloto foi realizado no final de 2015, com alunos cursando o nono ano do ensino fundamental, enquanto que o estudo principal foi realizado no início de 2016, com alunos cursando o oitavo ano. A pesquisa foi realizada em entrevistas semiestruturadas, com áudio gravado, nas quais são trabalhados problemas matemáticos envolvendo geometria. O principal referencial teórico são os trabalhos de Harel e Sowder (1998, 2007), com suas pesquisas acerca de argumentação e prova, bem como Vygotski (1993), que em muito contribuiu para o desenvolvimento da psicologia de alunos cegos, mas muitos outros contribuem. Esta pesquisa mostra que os alunos cegos fazem uso dos mesmos esquemas concretos dos videntes em

suas argumentações, sendo a percepção tátil a característica prevalente. Assistentes dos deficientes visuais no aprendizado da notação Musical aqui proposta. Destaca-se ser isto relevante devido ao fato de que, uma vez que o assistente aprenda o paradigma e ele consiga ler as músicas, ficará mais fácil ensinar ao deficiente visual sob sua tutela, a nova musicografia. Um software foi idealizado e implementado em linguagem funcional CLEAN para geração dos códigos da musicografia deste trabalho, bem como dos outros paradigmas voltados à utilização pelos acompanhantes dos deficientes visuais.

3) Pesquisador: Marcos Wildson Alves Nery
Título: Um olhar sobre a Educação Inclusiva de Deficientes Visuais – Estratégias de Ensino de Trigonometria e Geometria Espacial - 06/08/2013
Tipo de pesquisa: Dissertação
Instituição de Ensino: Fundação Universidade Federal do Piauí

Resumo: Este trabalho visa mostrar aspectos da educação Matemática no Brasil sob um perfil histórico bem como a situação da inclusão de jovens cegos no Ensino Básico no Brasil, mais especificamente na cidade de Teresina, capital do estado do Piauí, bem como propor estratégias de apresentação de conteúdos de Matemática para crianças e jovens cegos do Ensino Básico incluídos em turmas não especiais. Os conteúdos abordados são tópicos de Trigonometria e de Geometria Espacial em virtude de exigirem abstração e representações formais por meio de desenhos que são, por natureza, incompatíveis com a condição de um aluno cego.

4) Pesquisador: Miguel Luiz Veiga de Oliveira
Título: Ensino de matemática para surdos e /ou cegos – 18/03/2014
Tipo de pesquisa: Dissertação
Instituição de Ensino: Universidade Federal de Juiz de Fora

Resumo: O trabalho apresentado pretende contemplar os professores de Educação Básica que trabalham com alunos que apresentam deficiência auditiva e/ou visual, que necessitam de percepção visual / tátil o desenvolvimento do aprendizado. Sabe-se que três padrões determinam os sinais em LIBRAS: a configuração de mão, o ponto de articulação e a orientação do movimento. Já para o Braille, a percepção se dá pelo tato que possibilita a leitura no código impresso em alto-relevo. Assim, propõe-se o uso do material dourado, canudos de plástico, placa de MDF, tira de borracha, esferas de aço, espetos de madeira de churrasco, garrote e software livre no ensino da matemática para esse público específico, pois acreditamos na possibilidade de se facilitar o trabalho pedagógico, iniciando com as operações básicas, aprofundando os temas abordados, sempre com o material concreto,

para um melhor entendimento e desenvolvimento do aprendizado do aluno portador de necessidades especiais no mundo dos números, a fim de eliminar a distância dessa importante disciplina para esse grupo de pessoas.

E NO IBC ?

Fabrcio Fagundes Peçanha, aluno da área de Desenho Industrial da UFRJ, realiza parte do desenvolvimento da pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso da graduação, intitulado “Board game inclusivo”. Segundo o autor, “o projeto tem como objetivo geral o desenvolvimento de um board game que, através de experiências sensoriais diversas, permite a interação de jogadores videntes e não videntes de maneira natural, partilhando da mesma experiência de jogo e interagindo com o mesmo grau de autonomia durante a partida”. O período previsto para a pesquisa no IBC é de setembro de 2016 a junho de 2017.

“Sugestões para o desenvolvimento de jogos inclusivos a deficientes visuais” é o título da pesquisa para desenvolvimento da dissertação de mestrado elaborada por Sheila Aparecida Barros Ribeiro, aluna de mestrado em Informática, área de Interação Humano-Computador: Usabilidade e Acessibilidade do Programa de Pós-graduação em Informática da UNIRIO. Segundo a autora, essa pesquisa tem por objetivo “Criar sugestões para o desenvolvimento de jogos de dispositivos móveis que permitam a inclusão de jovens com deficiência visual nesse tipo de entretenimento”. O período previsto para a pesquisa no IBC é de junho de 2016 a setembro de 2017.

Sonia Mara Silva dos Santos, aluna da Faculdade de Educação Tecnológica do Estado do Rio de Janeiro (FAETERJ), realiza parte do desenvolvimento da pesquisa do TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) da Pós-graduação em Tecnologias da Informação e Comunicação Aplicadas à Educação, intitulado “Celular: um toque para cidadania”. Segundo a autora, “o presente trabalho tem como objetivo geral analisar as relações existentes entre deficientes visuais, celular e educadores”. O período previsto para a pesquisa no IBC é de setembro de 2016 a março de 2017.

“O que os olhos não veem a linguagem esclarece: contribuição da mediação semiótica na construção do conceito de lugar por alunos com cegueira congênita” é o título da pesquisa para desenvolvimento da tese de doutorado elaborada por Flávia Gabriela Domingos Silva, aluna do doutorado em Geografia, no Programa de Pós-graduação em Geografia do Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás (IESA/UFG). Segundo a autora, essa pesquisa tem por objetivo “Analisar a contribuição e potencialidade da mediação semiótica para a construção do conceito de lugar por alunos com cegueira congênita”. O período previsto para a pesquisa no IBC foi em novembro de 2016.

O QUE HÁ DE NOVO?

Flamengo apresenta projeto para ajudar deficientes visuais nos jogos

Campanha chamada de “Paixão Cega” pretende arrumar companhia para torcedores que não enxergam irem aos jogos, através de site que cadastra torcedores voluntários.

O Flamengo anunciou nesta terça-feira um novo projeto para inclusão de torcedores deficientes visuais com o clube. Trata-se da campanha “Paixão Cega” que tem como objetivo levar torcedores deficientes ao estádio em companhia de outros torcedores rubro-negros que se inscreverem no site com o nome da campanha.

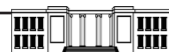
Não se trata da primeira ação do clube para torcedores que não podem enxergar. Desde o ano passado o clube vem publicando fotos nas redes sociais com a descrição: #PraCegoVer, numa tentativa de incluir e engajar esta parte da torcida.

A maior dificuldade para os torcedores, por mais que exista lei de gratuidade os contemplando, é encontrar acompanhantes para levá-los às partidas, explica a torcedora Náthalia, em depoimento ao site oficial do Flamengo.

- Quando vou ao estádio só entro com a minha carteirinha, que dá direito à minha entrada e de outra pessoa. E tem vezes que eu preciso convencer alguém a ir comigo, porque vou a jogos normais, sem muita importância. Eu estou sempre querendo ir.

Muitos devem se perguntar como os torcedores deficientes acompanham a equipe no estádio, mas o torcedor Thiago Alexandre explica a sensação:

- Mesmo não tendo a visão, a gente sente a energia, o clima e a animação do estádio. É muito diferente, muito



melhor do que acompanhar pela TV.

A linha adotada pelo sócio e vice-presidente da NBS, agência de publicidade, André Lima é parecida com a sensação do torcedor:

- Comparecer a um estádio em um jogo do Flamengo é uma experiência única e mágica, que vai além de visualizar a partida. Há uma corrente de emoção incrível que é intensa e perceptível para todos, incluídos aí os deficientes visuais. Nossa ideia é criar um meio de facilitar e estimular a presença do deficiente visual e dar a ele a chance de fazer uma das coisas mais importantes na vida de um rubro-negro: estar com o Flamengo onde o Flamengo estiver.

Fonte: <https://esportes.terra.com.br/lance/flamengo-apresenta-projeto-para-ajudar-deficientes-visuais-nos-jogos,a151fd4633aff9f6d8e715fa3e198c683zgph7s0.html>

CULTURA PARA TODOS VEREM

Inaugurando essa sessão, o texto do professor de História, Flávio Antonio de Souza França, “O que as narrativas artísticas têm a nos dizer sobre as deficiências visuais?”, destaca a percepção das diferentes deficiências visuais captadas pelo artista Pieter Bruegel, ainda no século XVI.

O QUE AS NARRATIVAS ARTÍSTICAS DIZEM SOBRE AS DEFICIÊNCIAS VISUAIS



A Parábola dos Cegos, 1568, Pieter Bruegel; Galeria Nacional, Nápoles.

A título de esclarecimento, antecipo possíveis questionamentos que possam suscitar o presente texto que, de modo algum, tem a pretensão de realizar uma análise da pintura retratada nos moldes de uma História da Arte, nem uma interpretação minuciosa das características próprias das intenções do artista. Portanto, o objetivo é mais modesto, ou seja, ensejar possíveis debates relacionados à arte e as deficiências visuais como tão freqüentemente vêm sendo discutidos sob outros meios artísticos (literatura, cinema etc). Fica o convite aos leitores desse conciso ensaio a refletir acerca da deficiência visual nos possíveis diálogos com o riquíssimo universo da sensibilidade artística.

No quadro A parábola dos cegos podemos observar uma cena em que seis cegos andando enfileirados caminham para uma iminente queda rumo a um riacho. Começando pelo primeiro cego, praticamente imerso dentro do rio, os outros acompanham o mesmo destino em uma sequência de desequilíbrios como um efeito dominó.

O autor da curiosa obra é o pintor renascentista holandês Pieter Bruegel, o Velho, e a composição datada de 1568. Numa leitura inicial do quadro, o que é mais impressionante é o propósito de reproduzir o movimento realizado pelos personagens. Bruegel, ao que se sabe, era muito habilidoso, sobretudo quando retratava com minúcias os afazeres diários, festas e brincadeiras vivenciadas pelos camponeses em seu cotidiano (Mann: 2006). Em seus quadros, as pessoas surgem sempre em movimento dentro de um cenário/paisagem em cujo espaço se desenvolve a cena. Mas isso, é apenas a impressão inicial que essa obra parece destacar.

Nesse sentido, não lhe passou despercebida as variadas nuances que a deficiência visual possui. Cada um dos cegos retratados apresenta uma patologia distinta. Na página [HTTP://medicineisart.blogspot.com.br](http://medicineisart.blogspot.com.br) são destacados os detalhes das patologias que os personagens no quadro são portadores. A pintura está sob a guarda do Museu Capodimonte, localizado em Nápoles, Itália, e se inspira numa passagem do evangelho de São Mateus (5:14), em que Jesus faz menção ao resultado de um cego guiando outro cego.

Mesmo se tratando de uma alegoria, o conjunto de explicações possíveis sobre a obra, ainda que possibilitando uma série de divagações, permitem especular sobre a seguinte questão: Bruegel, afastado do nosso tempo, reconheceu e reproduziu no século XVI as diversas nuances das deficiências visuais que diferem, em nossa contemporaneidade, das formas medicalizadas como as percebemos. Uma percepção o que, muito provavelmente difere dos modos antigos das múltiplas percepções da deficiência visual. Pesquisadores como Lúcia Turek e Lilia F. Lobo demonstram como as deficiências visuais traziam para seus portadores, características místicas e até sobrenaturais.

Assim como o quadro de Bruegel que, entre outras interpretações, remete à ideia de desamparo, como

pensar a possibilidade de interação do deficiente visual em museus ou experiências de fruição da arte e de outros acervos temáticos. Certamente, ao longo da História e, sobretudo, na arte em suas mais diversas manifestações, a cegueira não passou despercebida. São abundantes os filmes e romances cuja cegueira é tema principal. O inquietante livro O ensaio sobre a cegueira de José Saramago e o lírico filme de Charles Chaplin Luzes da Cidade são alguns dos mais conhecidos exemplos.

Se buscarmos mais exemplos, como na Grécia antiga, na peça As bacantes, de autoria de Eurípedes, temos Tirésias, o profeta cego da Cidade de Tebas, que também surge na peça Édipo rei de Sófocles. Por ter participado de uma disputa entre o deus Zeus e a deusa Hera, desagradando-a, foi cegado por ela. Para compensar o castigo, Zeus concedeu-lhe o dom da premonição. Essa sumária descrição é apenas uma que apresenta a presença de um personagem cego com uma participação longe de ser secundária na tragédia grega. Outras também foram registradas ao longo dos tempos ora percebidas, ora esquecidas como no conto de fadas João e Maria. Os dois irmãos, após se deliciarem com uma casa feita de doces, acabam sendo aprisionados e conservados como iguarias para um delicioso banquete a ser preparado por uma ardilosa senhora. Mas para sorte dos pequenos travessos, e azar da pobre mulher, esta não conseguia distinguir um osso de galinha de um dedo da mão João que, deste modo, toda vez em que ela verificava se ele havia engordado, fazia uso do artifício de apresentar o osso no lugar do dedo e assim não era devorado pela anciã, já que ela não percebia a diferença, adiando indefinidamente seu banquete. A pobre senhora sofria de catarata ou de outro problema de ordem oftalmológico? E o que esse detalhe poderia nos informar?

Como podemos perceber, heróis ou não, cegos, ou portadores de males da visão, não eram ignorados em suas especificidades seja num quadro renascentista, numa tragédia grega ou num conto de fadas. Cabe a nós desvendar os significados que as deficiências visuais descortinam diante de nós. Nas palavras do Historiador Simon Schama “o poder da arte é o poder da surpresa perturbadora”

CONHECENDO O IBC

O Departamento de Estudo e Pesquisas Médicas e de Reabilitação (DMR), dirigido por Rosane de Menezes Pereira, promove o atendimento médico (clínica geral e oftalmologia), odontológico e nutricional aos alunos e reabilitandos. Para esses últimos são desenvolvidos programas de reabilitação voltados a jovens e adultos que perderam a visão repentina ou progressivamente. Tais programas são desenvolvidos em parceria com instituições públicas e privadas e vêm permitindo a reinserção dessas pessoas na sociedade e no mundo do trabalho.

Além de atender ao público interno da Instituição, desde a década de 1950, o DMR estendeu o Serviço de Oftalmologia à comunidade atuando na prevenção à cegueira, no diagnóstico precoce e tratamento dos demais problemas que levam a perda da visão.

Para executar suas ações o Departamento conta com três divisões: Divisão de Orientação e Acompanhamento (DOA), Divisão de Reabilitação, Preparação para o Trabalho e Encaminhamento Profissional (DRT) e Divisão de Pesquisas Médicas, Oftalmológicas e de Nutrição (DPMO). Entre em contato com a DMR pelo telefone (21) 3478-4419 ou (21) 3478-4420 ou (21) 3478-4410. Se preferir, envie e-mail para dmr@ibc.gov.br.

Fonte: <http://www.ibc.gov.br/o-ibc/departamentos/departamento-de-estudo-e-pesquisas-medicas-e-de-reabilitacao>

DIVULGANDO

A MATEMÁTICA ATRAENTE E DIVERTIDA PARA TODO MUNDO

De 27 a 30 de abril de 2017

O Festival da Matemática faz parte do conjunto de iniciativas de popularização da Matemática e marca o início do Biênio da Matemática no Brasil 2017-2018. O evento nasce para encantar os pequenos desde 2 anos de idade até os adolescen-

tes mais exigentes. Atividades lúdicas e divertidas voltadas a toda a família formarão o campo ideal para despertar novas formas de vivenciar a Matemática e desfazer o preconceito que existe em relação à disciplina. Oficinas, exposições, protótipos em 3D, jogos eletrônicos, mostra de filmes, palestras e teatro. Um convite perfeito para estimular o pensamento e criar conexões produtivas com o mundo que nos cerca. Um grande encontro entre a Mate-

mática e você. Participe! <http://www.festivaldamatematica.org.br/>

IV SEMINÁRIO CONECTANDO CONHECIMENTOS

O “IV Seminário Conectando Conhecimentos do Instituto Benjamin Constant” (IBC) convida a todos os interessados nas questões relacionadas à deficiência visual em suas múltiplas perspec-



tivas, para participar do evento que acontecerá no dia 31 de maio de 2016, às 13h, no auditório Maestro Gurgulino (sala 251), no Instituto Benjamin Constant, Rio de Janeiro/RJ.

Essa edição terá como temática “Desafios na Formação e Capacitação de Professores da educação especial e inclusiva na Área da Deficiência Visual”. O Seminário está aberto ao público interno do IBC (alunos, professores e funcionários), bem como a estudantes de instituições educacionais públicas e privadas de ensino superior e demais interessados no assunto.

Para aqueles que tiverem interesse em apresentar sua pesquisa no formato de “comunicação oral”, dentro da temática do evento, acesse o site www.ibc.gov.br e leia o edital.

PALESTRANTES CONVIDADOS:

Prof. Dr. Allan Damasceno – UFRRJ

Profª Dra. Flávia Barbosa Dutra – UERJ

Profª Msc. Elise de Melo Borba Ferreira – IBC

As inscrições são gratuitas e através do email conhecimentos@gmail.com

VI CBE – CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO

“Educação e Formação Humana: práxis e transformação social”

<http://www.cbe-unesp.com.br/2017/#menu>

Em sua 6ª (sexta) edição, tem como objetivo debater, apresentar e divulgar o conhecimento produzido pelas pesquisas sobre políticas, programas e projetos de formação de professores, tanto na formação inicial, quanto continuada. O congresso será realizado

nas dependências da UNESP, Câmpus de Bauru, entre os dias 26 a 29 de Julho de 2017, e tem como público alvo professores e estudantes de pós-graduação e graduação, professores da Educação Básica e demais profissionais e pesquisadores na área da Educação. Tradicionalmente o Congresso conta com a presença de pesquisadores brasileiros e estrangeiros que discutem diversos temas sobre Educação. Na programação estão previstos simpósios, mesas-redondas, minicursos e sessões de apresentação de trabalhos, bem como algumas sessões de cinema, lançamentos de livros e atividades culturais.

ABERTAS AS INSCRIÇÕES PARA O I ENCONTRO DE BAIXA VISÃO DO IBC

O Encontro acontecerá com o VIII Congresso da Sociedade Brasileira de Visão Subnormal, nos próximos dias 9 e 10 de junho, no Instituto Benjamin Constant. Os dois eventos são voltados a um público multidisciplinar, com foco no atendimento às pessoas com baixa visão, como: oftalmologistas, professores, fisioterapeutas e etc. A abordagem oftalmológica na baixa visão, o emprego de auxílios óticos, não-óticos e eletrônicos, a importância das técnicas de orientação e mobilidade na vida da pessoa com baixa visão e muitos outros temas serão debatidos no evento. Os interessados em participar dos dois eventos têm até o dia 24 de maio para se inscrever. Servidores e ex-servidores do IBC, assim como professores das redes públicas de ensino devem fazer sua inscrição pelo formulário <https://goo.gl/kLNnfs> ; já os demais participantes devem se inscrever no site da Sociedade Brasileira de Visão Subnormal. Não serão aceitas inscrições nos dias do evento.

ESPAÇO DO LEITOR

Caro leitor, sua participação é muito importante. Envie suas sugestões ou divulgações para o nosso e-mail: boletimcesibc@gmail.com.

EXPEDIENTE

Direção Geral do Instituto Benjamin Constant
João Ricardo Melo Figueiredo

Gabinete do Instituto Benjamin Constant
Érica Deslandes Magno Oliveira

Departamento Técnico Especializado
Ana Luísa Mello de Araújo

Divisão de Pesquisa, Documentação e Informação
Naiara Miranda Rust

Centro de Estudos e Pesquisas
Edney Dantas de Oliveira
Fábio Garcia Bernardo
Maria Rita Campello
Naiara Miranda Rust
Rachel Maria C. M. de Moraes

Comissão Editorial
Edney Dantas de Oliveira
Flávia Ferreira Pascoalino
Flávio Antônio de Souza França
Isabel Cristina Ribeiro de Mello
Wagner Dias Santos

Diagramação
Nicolas Caldeira Oliveira

Contatos: IBC-DDI

Avenida Pasteur, nº 350, Urca-RJ

Rio de Janeiro

CEP: 22290-240

tel. (21) 3478-4517

Email:

ddicentrodeestudo@ibc.gov.br

Remetente:



Instituto Benjamin Constant
Avenida Pasteur, nº 350,
Urca-RJ
Rio de Janeiro
CEP: 22290-240

Destinatário:

